



# REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS

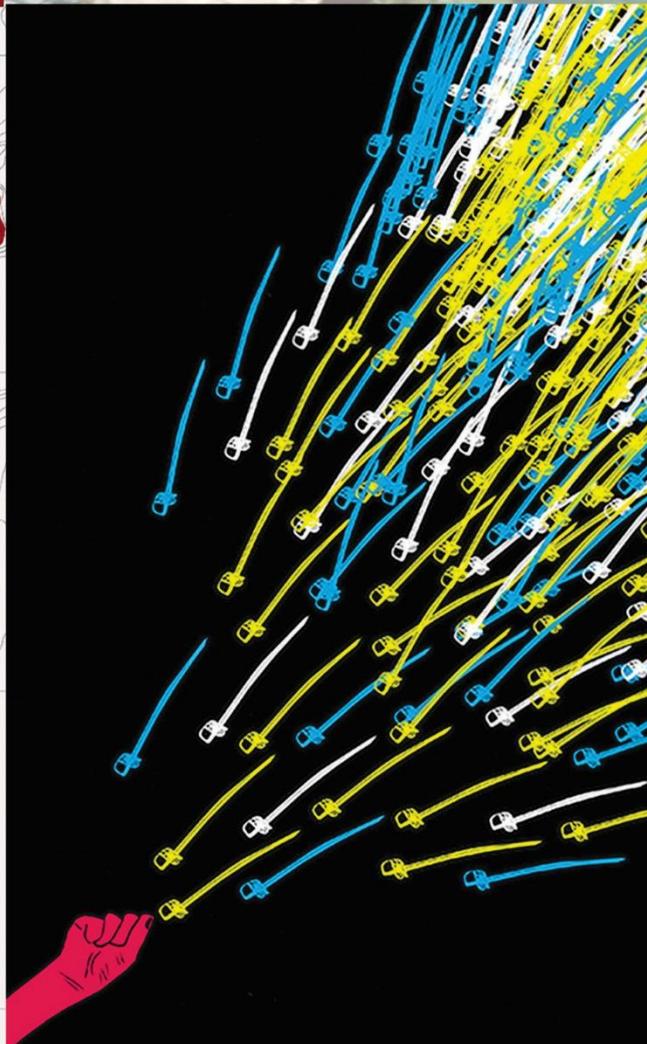
VOL. 05, Nº 2 - 3º TRIMESTRE - 2020

ISSN 2448-1793

# NOSSOS

**Dossiê**  
**20 anos**

Curso de Arquitetura e Urbanismo  
da Universidade Estadual de Goiás



**ESTÚDIO 41: ARQUITETURA E TERRITÓRIO**  
**ARQ.URB\_UEG.com EMERSON VIDIGAL**ESTÚDIO 41: ARCHITECTURE AND TERRITORY  
ARQ.URB\_UEG.com EMERSON VIDIGAL<https://doi.org/10.5281/zenodo.4667775>

Envio: 19/10/2020 ♦ Aceite: 01/11/2020

**Emerson José Vidigal**

Arquiteto e Urbanista pela Universidade Federal do Paraná, Doutor em Projeto de Edificações pela USP e professor de Projeto de Arquitetura na UFPR. Sócio fundador do Estúdio 41 Arquitetura, escritório sediado em Curitiba.

**RESUMO**

Ensaio elaborado a partir da transcrição da palestra ministrada de forma remota pela plataforma do Youtube, como parte do Evento de Comemoração dos 20 anos do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Goiás-Campus Central, Anápolis-GO. Palestra realizada no dia 10 de junho de 2020, incluída na programação do Ciclo de Palestras ARQ.URB.UEG.com Emerson Vidigal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estúdio 41, Estação Antártica Comandante Ferraz, concurso de arquitetura, trajetória profissional.

**ABSTRACT**

Essay prepared from the transcript of the lecture given remotely by the YouTube platform, as part of the Commemoration Event of the 20 years of the Architecture and Urbanism Course at the State University of Goiás-Central Campus, Anápolis-GO. Lecture held on June 10, 2020, included in the schedule of the Lecture Series ARQ.URB.UEG.com Emerson Vidigal.

**KEYWORDS:** Studio 41, Ferraz Station, architecture competition, professional career.

*Estúdio 41: arquitetura e território* é o tema sobre o qual eu, Emerson Vidigal, vou falar um pouco neste ensaio<sup>1</sup> escrito a partir da participação no Ciclo de Palestras ARQ.URB\_UEG.com Emerson Vidigal<sup>2</sup> no Evento de Comemoração dos 20 anos do Curso de Arquitetura e Urbanismo-Campus Central de Anápolis de Ciências Exatas e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás.

O Estúdio 41, formado com a constituição de sócios que temos hoje,<sup>3</sup> foi fundado em 2011, na cidade de Curitiba, que é conhecida como modelo de planejamento urbano. Mas acho que esse discurso e a prática mesmo do planejamento urbano aqui em Curitiba acabaram que ficando defasados nas últimas décadas. Teve-se uma experiência interessante lá nos anos 70, e depois Curitiba veio alimentando isso, com algumas experiências mais bem-sucedidas do que outras dentro desse espaço da cidade.

Ao ser observada a fotografia aérea da cidade, ela mostra um pouco a densidade da cidade construída e mostra também um pouco da nossa formação, visto que o estudante de arquitetura, o arquiteto, se forma no ambiente urbano, se forma vivendo a cidade, participando dos espaços.

O Estúdio 41 hoje está bem no centro de Curitiba. A gente mudou faz alguns anos. Antes o escritório localizava-se um pouco mais na periferia, e acabamos migrando

---

<sup>1</sup> Ensaio elaborado a partir da transcrição da palestra ministrada de forma remota pela plataforma do Youtube, como parte do Evento de Comemoração dos 20 anos do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Goiás-Campus Central, Anápolis-GO. Palestra realizada no dia 10 de junho de 2020, incluída na programação do Ciclo de Palestras ARQ.URB.UEG.com Emerson Vidigal.

<sup>2</sup> A coordenação do evento realizada pelas Professoras Angélica de Amorim Romacheli e Celina Fernandes Almeida Manso contou com a colaboração de uma equipe de apoio na organização e transmissão virtual do Ciclo de Palestra ARQ.URB.UEG.com composta pelos professores José Renato de Castro, Rangel Silva, Eliezer Ribeira, Fernando Chapadeiro, Maryana Souza. A transcrição da palestra teve como texters colaboradores os discentes *Vanilton Gonçalves de Oliveira Junior, Heloá Júlia Afonso Oliveira, Yan Gabriel Braz de Araújo Silva, orientados pela Professora Dr<sup>a</sup>. Celina Fernandes Almeida Manso, do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Goiás-Campus Central, Anápolis-GO.*

<sup>3</sup> *Equipe:* João Gabriel Rosa, Martin Kaufer Goic, Eron Costin, Emerson Vidigal, Fabio Henrique Faria. *Colaboradores:* Angelo Signori, Beatriz Dutra, Christiana Vieira, Eduardo Hungaro, Lucas Medeiros. Passaram pelo Estúdio 41: Dario Corrêa Durce, Gabriel Tomich, Moacir Zancopé Júnior, Pedro Tosatto, Susanna Brolhani, Karin Matzkeit, Matheus Fernandes, Alexandre Kenji, Fernando Moleta, Rafael Fischer, Felipe Santos Chimanski, Felipe Gomes, Aline Alves Pereira, Marcelo Miotto, Mariana Gusmão, Leo Venâncio, Astrid Harumi Bueno, Felipe Sanquetta e Daniela Moro.

para a área central. Da vista da janela do Estúdio 41, dá para visualizar o percurso desse movimento em direção ao centro. É um movimento para um lugar da cidade que às vezes começa a ficar desinteressante para alguns usos e vai ficando ocasionalmente abandonado. Mas a gente achou que tinha uma série de fatores que eram vantajosos se a gente fosse trabalhar perto da área central. Os aluguéis são mais baratos, nem sempre os prédios têm um bom nível de conservação, e particularmente esse lugar é interessante, por ter o calçadão da Rua XV, meio que o cartão-postal da cidade. Então é um espaço de vitalidade urbana. E eu falo da cidade antes de começar a falar do escritório, porque a gente aprende com esses espaços que têm essa vitalidade, e isso é o interessante do arquiteto, que é o fato de a gente ter uma visão de estar na cidade, de estar num espaço construído. A gente aprende com essa experiência e isso muitas vezes vale tanto quanto uma aula, se a gente olha com atenção. A profissão de arquiteto urbanista possui uma vantagem, que é quando a gente viaja para qualquer lugar consegue aprender só de estar no lugar, aprender sobre a arquitetura e urbanismo. Isso é muito bom.

Somos aí em torno de dez a doze pessoas. O grupo nunca varia mais do que isso. É um grupo que independe do tamanho do projeto que esteja desenvolvendo. A gente nunca cresceu muito mais que doze pessoas. Em termos de escritório de arquitetura, é um escritório de pequeno porte, não é um escritório muito grande. São cinco sócios, todos arquitetos formados na UFPR. Quando tem muita demanda, aí a gente contrata arquiteto para trabalhar com a gente. Mas, em geral, nossa equipe de sócios, que já somos cinco arquitetos, é metade de uma equipe: tem estudante de arquitetura fazendo estágio conosco e arquitetos. Então, basicamente, são cinco ou seis arquitetos e cinco ou seis estudantes que compõem a equipe.

## **UM PERCURSO PELA NOSSA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E OS CONCURSOS DE ARQUITETURA**

O escritório ficou conhecido, na verdade teve visibilidade, vamos dizer assim, no meio da arquitetura e urbanismo, pela participação em alguns concursos de arquitetura. O projeto da FECOMÉRCIO, que é de 2011, permitiu montar o escritório, que foi o

primeiro concurso que essa equipe ganhou. Tinha uma área de hectares, mas no fundo eram edifícios para uma única instituição.

O projeto que deve ser inaugurado, está em obras e quase pronto, nesse ano, é o projeto da FECOMÉRCIO SESC SENAC, primeiro concurso que eu mencionei de 2011, que foi quando a gente conseguiu montar o escritório. Até então a gente fazia concursos e tirava menção, 2º, 3º lugar, não tinha grana para se juntar para trabalhar. Quando o resultado da FECOMÉRCIO saiu, a gente assinou o contrato e começou a desenvolver o projeto. Aí sim, a gente teve uma graninha para comprar computador, comprar umas salas, juntar a equipe para trabalhar nesse projeto com mais dedicação. Até então a gente se juntava à noite e final de semana, pois todo mundo tinha seu emprego, seu trabalho em outros lugares. Mas juntava o grupo, a equipe para fazer concurso, sempre em horários alternativos. A jornada era sempre dupla ou tripla.

Enfim, esse projeto é um projeto em um terreno de dezesseis hectares. Mas a parte que está sendo construída agora, a primeira etapa, que é o edifício administrativo da FECOMÉRCIO SESC SENAC, que eles chamam de centro de convivência, é o elemento integrador das três etapas. A segunda etapa seria uma escola do SENAC e a terceira etapa seria um centro de convenções do SESC. A princípio, a FECOMÉRCIO, que engloba as três instituições, é que está encabeçando a primeira etapa. O Centro de Convenções, a metade dele, vai ser feito agora e nas outras duas etapas é continuada essa construção. Para quem conhece Porto Alegre, essa construção fica próxima do CEASA, do aeroporto e da Rodovia Freeway, que leva para as praias. Como essa área é meio dissociada do centro da cidade, e hoje a FECOMÉRCIO está no centro de Porto Alegre, esse centro de convivência tem a função de ter serviços – creche, academia, alimentação, enfim, lazer – para os intervalos de trabalhos dos funcionários e dar suporte aos funcionários do complexo.

É uma obra que está praticamente pronta. A construtora já entregou. Estão em negociação as últimas questões de entrega e uma parte pendente de mobiliário e interiores que está sendo feita agora. O canteiro de obras já está bem finalizando. Na primeira etapa, o edifício administrativo tem um pátio interno e vai reunir FECOMÉRCIO, SESC e SENAC, a parte administrativa toda.

Na chegada, o centro de convivência apresenta uma praça, o edifício, que é uma treliça, que balança por cima da praça para fazer a chegada. Tudo acontece por esse edifício. Esse complexo, dá pra dizer, quase que está elevado em palafitas, porque essa região toda de Porto Alegre é muito alagadiça, uma região toda drenada por canais. Quando chove muito, esse terreno fica muito úmido. E de alguma forma a gente procurou deixar só as garagens, onde os automóveis ficam estacionados, escondidos por trás de taludes, todos no térreo.

O térreo efetivo do prédio seria cinco metros acima, que são os níveis do Centro de Convivência. Isso se prolonga por biblioteca, academia e creche como um suporte para o edifício principal. Ainda tem todo um paisagismo da obra para eles trabalharem, mas a gente imagina que em mais alguns meses deve ser inaugurado. O detalhe das paredes de gabiões é para contenção dos taludes.

O desenho de arquitetura vai da escala de hectare até a escala do milímetro. Um pouco da pesquisa é uma pesquisa também de qual seria a materialidade disso, com que material a gente constrói a arquitetura.

O escritório surgiu e foi formado por pessoas que queriam trabalhar com arquitetura. Mas elas não tinham muitos contatos aqui dentro da própria cidade. Não eram de famílias ricas, nem conhecidas e queriam conseguir trabalho na verdade. E os concursos foram uma maneira que a gente encontrou de conseguir fazer projeto, conseguir trabalhar com aquilo que a gente gosta. Com essa equipe foram feitos mais de quarenta concursos talvez – não sei o número de fato. Destes podemos dizer que poucos foram com os quais a gente conseguiu fechar contrato, com os quais a gente conseguiu primeiro lugar e tal.

Mas, na verdade, essa coisa de fazer concurso de arquitetura, a gente perde muitos mais do que a gente ganha. Tem todo um trabalho que muitas vezes é dedicado a isso, horas e horas de trabalho. Às vezes a gente fica frustrado, porque até vencemos o concurso, como foi o caso do Concurso Centro de Eventos e Exposições, promovido pelo Governo do Estado do Rio, pelo Programa de Desenvolvimento do Turismo (Prodetur) e pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), com organização do IAB-RJ. Entretanto, os contratos para o desenvolvimento de projetos vencedores do 1º

lugar, pelo Estúdio 41, dos centros de eventos em Cabo Frio e Nova Friburgo não foram assinados. A gente venceu, pagaram o prêmio, mas não teve o contrato assinado, frustrante também porque não vai adiante.

Essa coisa dos concursos é uma luta. A arquitetura na verdade é uma luta. O Louis Khan tem uma frase que é interessante. Ele diz que a arquitetura não é um milagre, é uma batalha. É uma coisa de ter uma certa resistência ao tempo. Aqueles que, como se fosse assim, quem resiste mais tempo tentando fazer arquitetura é quem consegue trabalhar com arquitetura. Porque é uma profissão penosa, que não paga bem, que tem uma série de problemas no Brasil. Culturalmente o arquiteto não é um profissional reconhecido. Enfim, é sempre ligado à ideia de luxo, ou de que não dá para contratar arquiteto porque é muito caro. Essa visão, que é responsabilidade nossa, na verdade dos arquitetos, a gente precisa transformar, mudar essa realidade.

Nós vamos fazer o lançamento de um *site* novo daqui a um tempo para mostrar alguns dos projetos que temos desenvolvido de 2011 para cá, nesses últimos anos. Em 2021, vão ser dez anos de existência do escritório. Passou muito rápido. A maioria dos projetos desenvolvidos são utópicos. Tem muita coisa ainda não construída, mas a maioria é de projetos de participação em concursos de arquitetura.

**A Sede da Procuradoria Regional da República da 4ª Região**, projeto vencedor em Concurso Nacional de Arquitetura, em Porto Alegre, RS, de 2004, e **a Sede do CREA-PR em Maringá**, projeto vencedor em Concurso Nacional de Arquitetura, em Maringá, PR, de 2003, são trabalhos do começo dos anos 2000, ainda não era Estúdio 41, mas de uma época da minha vida profissional em que eu estava num outro escritório, que se chamava Tectonic. Mais recentemente, no Distrito Federal, a gente tem o Setor Habitacional Pôr-do-Sol, em Ceilândia, e o Masterplan da Orla da Paranoá, em Brasília.

O projeto do Setor Habitacional Pôr-do-Sol lá em Ceilândia tem como destaque a área de pedestre com uso misto, que funciona como elemento articulador da proposta, um prédio de até cinco pavimentos. O espaço que está dedicado à escala do pedestre desempenha um papel importante na estruturação desse território. Localiza-se onde acaba o limite urbano, diferente do projeto Água Branca, que está bem dentro da cidade.

No programa habitacional de Ceilândia, observa-se que onde acaba área urbana começa a área rural – as áreas de preservação ambiental do Distrito Federal. Em projetos numa área assim a gente tem uma tendência a olhar para a escala de vizinhança, o que é interessante em Brasília, mas que às vezes não encontramos nas cidades-satélites. É essa qualidade de convívio nos espaços públicos que a superquadra de Brasília, por exemplo, tem e que nas cidades-satélites é escassa.

Na proposta para Setor Habitacional Pôr-do-Sol, na vizinhança, é o espaço público que se destaca. Tentamos trabalhar na escala humana, no sentido social do termo, não no sentido do dimensionamento, critério de construção encontrado na maioria das habitações que são financiadas dentro do programa Minha Casa Minha Vida, mas que não são aquelas implantações de casinhas iguais às que são encontradas Brasil a fora, um pesadelo em termos de urbanização.

Temos outros trabalhos nesta mesma linha de projetos habitacionais ainda em desenvolvimento, como por exemplo a operação urbana consorciada da Água Branca em São Paulo, que é um concurso de 2015. É um projeto de urbanização e continua ainda em desenvolvimento, porque é um projeto muito grande. Esse é o projeto no qual continuamos trabalhando. A gente já fez 90% desse contrato. É basicamente um projeto de habitação de interesse social. São em torno de 1.500 apartamentos que seguem as regras do programa Minha Casa Minha Vida com diversas faixas de renda. Mas além dessa habitação de interesse social, temos um centro comunitário, uma escola, uma unidade básica de saúde, um parque, ou seja, a área verde que forma um cinturão, próximo à Marginal Tietê, na região noroeste de São Paulo, perto do Terminal da Barra Funda.

Este projeto foi implementado por um programa interessante da época do governo do Fernando Haddad, que propunha a construção de habitação de interesse social, não lá onde a cidade acaba, mas sim em locais com infraestrutura, metrô próximo, infraestrutura disponível para a população. O projeto ainda está em desenvolvimento.

A operação urbana consorciada da Água Branca, em São Paulo, é um trabalho de arquitetura, de desenho urbano, urbanização, parcelamento. Foram entregues os

projetos arquitetônicos de todos os edifícios e também dos edifícios institucionais, a exemplo da unidade de saúde, o território CEL, que é um projeto de arquitetura de São Paulo da época da Marta, que vai sendo readaptado, mas que tem uma flexibilidade interessante.

Nos projetos urbanos, sempre damos enfoque para o pedestre. Nossa premissa tem um pouco a ver com o que vivenciamos no nosso cotidiano na nossa vizinhança, no centro da cidade, Curitiba, que é o calçadão da Rua 15, que serve de inspiração, se é que dá para utilizar essa palavra. A gente convive nesse espaço pedonal, que a preferência é do uso do pedestre. Nesse espaço conseguimos perceber que a cidade tem uma outra escala, então para esse projeto da Água Branca tentamos fazer isso. Os edifícios aqui junto da rua de pedestres têm até 4, 5 pavimentos, e edifícios mais altos ficam recuados, ficam mais para o centro dos quarteirões.

Outro projeto desses últimos anos, esse é um projeto que foi um concurso em 2018, é o Masterplan da Orla do Lago Paranoá. Tentando resumir, pois esse Masterplan tem uma série de interfaces que tornam bastante complexo o planejamento desta área, mas basicamente o grande problema é que grandes áreas do perímetro de orla do Lago Paranoá foram privatizadas. São mansões que têm os fundos para essa área que é pública e que acabaram fazendo uma ocupação irregular de gente de classe alta, de elite que tem dinheiro para ter casa de 1.000 m<sup>2</sup> e que terminaram fazendo a ocupação, uma privatização irregular da área da borda do lago, que no plano do Lucio Costa tinha sido idealizada como um grande parque, uma área de lazer para a população toda. Aqui basicamente é organizar um pouco os usos e os fluxos dessa região, e colocar algumas intervenções físicas também. Esse projeto envolve urbanização, paisagismo e a proposta de alguns equipamentos que vêm de suporte para essas áreas de lazer públicas. Então a gente tem no Lago Norte, por exemplo. Isso aqui é perto do Hospital Sarah, da Rede Sarah Kubitschek. Basicamente é pensar um pouco o que a população pode usar disso para lazer, para esporte, uma infraestrutura adequada para final de semana. Trata-se da península norte também, perto do que hoje é o Parque das Graças. Isso aqui já é Lago Sul, aquilo que eu falei para vocês, Brasília tem essa urbanização, essas ruas sem saída. Eles chamam de ponta de picolé esses tipos de lotes e, na ponta do picolé, normalmente

estão os terrenos de 1.500 m<sup>2</sup>. São terrenos grandes, mas o sujeito pega aquele terreno e coloca uma cerca aqui e faz com que esse espaço que era para ser público seja um espaço particular dele. A ideia era transformar isso em um desenho, na qualidade de espaço, com escala de parque urbano para essas áreas. Com a mudança no governo, o Distrito Federal teve mudança. Ganhou a oposição ao governo que era na época, em 2018. Então esse projeto está enfrentando muitas dificuldades para sua viabilização. Não sabemos se esse projeto vai ser executado.

### A ESCALA URBANA NO MEIO DO CAMINHO

No ano passado, 2019, trabalhamos com a escala urbana. Sinceramente, escala territorial é uma escala que descobrimos no meio do caminho. Não era uma especialização nossa mexer com esses projetos de áreas de hectares.

Os projetos na escala de desenho urbano, de urbanização, que a gente aprendeu fazendo, não era algo que fosse assim: sempre estudamos planejamento urbano e agora vamos dar preferência para esses. Começamos com o projeto de operação urbana da Água Branca, que acabou dando certo. Vencemos o concurso, assinamos o contrato e o projeto continuou sendo desenvolvido. Depois a gente descobriu que a gente gosta também dessa esfera de atuação na grande escala, na escala território, não só na escala, na escala do bairro, vamos dizer assim. Gosto de usar a palavra território não no sentido que os estudos urbanos colocam. Escala territorial é a que transcende a escala da metrópole quase. Acho que o território pode ser qualquer interferência geográfica que a gente tenha num prédio, num único edifício, num terreno pequeno, meio que um território cultural daquilo dentro da cidade. É um território de saber construtivo desse elemento dentro do território urbano.

Enfim, esse projeto de 2019 é um projeto que tem um enfoque social, uma unidade básica de saúde numa comunidade quilombola no Conde, na Paraíba. É um projeto menorzinho, de 500 m<sup>2</sup>. Trata-se de uma unidade de saúde dedicada a cuidar desse lugar lá no município do Conde, onde essa comunidade quilombola vive há muito tempo. Eles precisavam de um posto de saúde. A prefeitura do Conde tem promovido

concursos de arquitetura para contratar. Eles têm um pessoal muito jovem, muito competente, que está trabalhando nessa gestão. Inclusive agora está sendo construída, como resultado de um concurso, a urbanização do centro da cidade do Conde. Enfim, foi um projeto que nós desenvolvemos em todo o ano passado. Entregamos no final do ano. É como se a gente estivesse retomando essa escala do edifício que a gente acabou ficando muito tempo sem. Permanecemos muito nesses projetos de escala do bairro, projeto de que a gente gosta muito.

### **A ESTAÇÃO ANTÁRTICA COMANDANTE FERRAZ**

Vale ressaltar a Estação Antártica Comandante Ferraz, inaugurada em 12 de janeiro de 2020, nova base de pesquisa brasileira na Antártica. Com a inauguração, o pessoal tem mais curiosidade em saber mais sobre o processo de elaboração do projeto. Então passo a detalhar um pouco mais sobre o trabalho realizado na Estação Antártica.

Esse é um projeto de um concurso em 2013. Foi instituído dois anos após a criação do Estúdio 41. A gente ainda era assim (eu sou o mais velho da turma), já tinha alguma atuação profissional. Mas eu não construí muita coisa, não tenho muita obra construída. É um projeto que tinha uma importância muito grande em termos nacionais, chamou muita a atenção, porque foi um concurso internacional. Com as equipes brasileiras, participaram equipes estrangeiras associadas. No nosso caso não, nossa equipe era só brasileira. E o que dá para dizer da nossa participação é que resolvemos participar porque, evidente, o tema era superinteressante. Mas a gente não tinha a pretensão de ganhar. Sempre participamos para vencer, isso é claro, até porque você não participa de uma competição para perder. Mas eu confesso que a nossa expectativa era muito baixa. Fomos para aprender fazendo, para participar, e ver no que ia resultar. E no final das contas acabou dando certo. É o projeto que deu mais visibilidade para a gente até hoje, porque gera essa curiosidade sobre a Antártica, sobre a pesquisa que os brasileiros desenvolvem na Antártica, que os cientistas desenvolvem com o apoio da Marinha. É um projeto que, pelas características territoriais, geográficas e de programa,

causa bastante interesse nas pessoas. Por isso vou fazer uma abordagem um pouco mais detalhada.

O Brasil tem sua base não no continente antártico. A base fica numa ilha, na verdade bem na ponta, próxima à ponta da península Antártica, que se chama Ilha do Rei George. Dentro dessa ilha há uma baía, que é a Baía do Almirantado, onde se localiza a península Keller. É aí que fica a base do Brasil, com o mar congelando no inverno, o que é uma das características importantes para a logística desse projeto.

A base brasileira está na Antártica desde a década de 1980. Como ela sofreu um incêndio em fevereiro de 2012, houve o desdobramento de uma série de ações por parte da Marinha e da comunidade científica para reconstruir a Estação Ferraz. Com o incêndio, a Marinha precisou fazer a remoção dos escombros. Enquanto isso, no período de um ano, foram construídos módulos antárticos emergenciais para que a pesquisa brasileira não fosse interrompida. O tratado antártico pede que cada país que seja signatário produza conhecimento científico na Antártica com uma certa periodicidade. Portanto, as pesquisas não podem ser interrompidas, sob pena de o Brasil perder o prestígio que sempre teve dentro das nações que assinam o Tratado Antártico. Foi após o incêndio e a contratação dos módulos emergenciais, em 2013, que foi lançado o concurso de arquitetura.

Nesse concurso ficamos cerca de um mês e meio trabalhando nele, que é o tempo máximo que dedicamos a um concurso, porque acaba sendo cansativo. É muito intenso esse período de trabalho num concurso. Assim, se você ficar dois meses e meio trabalhando, a tendência é que no final desse tempo você perca energia. Então chegamos à conclusão de que em torno de um mês é um bom tempo. Esse talvez tenha levado um pouco mais, pelo fato de esse território apresentar muitas particularidades. E isso envolveu pesquisas.

Uma primeira percepção foi ter de olhar para a paisagem e para o lugar como um lugar inóspito, com suas características de clima que são completamente diferentes de outro lugar do mundo. Segundo aspecto interessante é entender que a Antártica é um ninho da vida selvagem, o homem está na Antártica para fazer pesquisa. O Tratado Antártico prevê que as nações não podem desenvolver atividades comerciais na

Antártica. O objetivo é fazer pesquisa científica. A vida natural é algo que tem que ser extremamente respeitado.

Outra consideração é que um ambiente como esse, a Antártica, é o lugar do mundo onde mais venta, onde se têm as menores temperaturas. O corpo humano é um elemento muito frágil dentro dessa paisagem de rigor climático. Essa percepção fez com que a gente imaginasse o edifício como algo que precise proteger o ser humano, um abrigo que protege como uma vestimenta, então o edifício tem a função de preservar o corpo humano dessas características que são agressivas. Uma outra percepção bastante importante é que a gente nunca tinha feito nada parecido. É um escritório de arquitetura jovem, que gosta de arquitetura, mas que tá aprendendo. E quando a gente tem uma tarefa dessa, de fazer algo muito diferente do nosso dia a dia, é preciso pesquisar muito. Uma boa parte desse período de desenvolvimento do concurso foi de pesquisa, buscando nos últimos dez, quinze anos as estações antárticas que tinham sido construídas com um nível de qualidade que se considerasse exemplar. É o caso da Hailey, uma base inglesa que se desloca sobre o gelo, ultratecnológica, e que tinha acabado de ser inaugurada; a Princesa Elizabeth, que é da Bélgica, a *Juan Carlos*, da Espanha; e a base que, talvez dentre essas tenha servido mais como referência tecnológica e construtiva, a indiana Bharathi. Esta foi construída por uma empresa alemã e inaugurada em 2011. Tivemos a oportunidade de conhecer o pessoal que a construiu e desenhou. Eles compartilharam muito conosco o conhecimento tecnológico que já tinham desenvolvido.

E tem algumas particularidades da presença da Estação Ferraz do Brasil na Antártica, que, ao contrário da maior parte dos países, é coordenada por um grupo militar que é da Marinha, o PROANTAR. Dá para dizer que o programa antártico brasileiro tem duas metades: uma militar e a outra ligada ao Ministério da Ciência e Tecnologia de Informação. Até na própria configuração do edifício se percebe isso. O grupo militar é composto por quinze pessoas de diversas especialidades que passam um ano na estação para dar suporte logístico às atividades de pesquisa científica. Essas pessoas passam por um rigoroso processo de seleção e um intenso treinamento, inclusive psicológico. Pelo programa antártico brasileiro, como as pesquisas funcionam

nos meses de verão, entre novembro e final de março, quando o mar não está congelado, os cientistas estão sempre circulando entre o Brasil e a estação para realizar essas pesquisas. Quando chega o inverno, esses cientistas voltam, permanecendo na estação antártica somente esses quinze militares do grupo-base, para dar manutenção.

No inverno, a única possibilidade de comunicação física é por aviões. A força aérea é que dá suporte, lançando cargas de suprimentos em tempos determinados, e essa dificuldade logística é um dado de projeto também. Precisávamos entender como iríamos construir num local em que só era possível fazer no verão. Então precisávamos construir de modo muito rápido, com velocidade e qualidade, sem perder a segurança do canteiro de obras. Esse é um dado importantíssimo.

Há também as questões sobre o que um arquiteto tem a oferecer na solução de um problema desse tipo. Pesquisando as bases dos outros países, percebemos que uma das características era a aerodinâmica. Como os ventos podem chegar até 200 km/h, os esforços do vento na estrutura são esmagadores. Em função disso o formato da base tem um desempenho tecnológico esperado em relação à carga dos ventos. Outro elemento importante no caso da Estação Ferraz é a topografia, que apresenta uma elevação do terreno na direção do centro da península. Seria natural, portanto, que os blocos estivessem em cotas distintas. Um outro elemento arquitetônico importante num local isolado são as questões visuais. Diante disso, deslocamos os blocos nas cotas. Ao elevarmos os blocos posteriores em relação aos primeiros, permite-se a visualização de toda a paisagem. Esses três elementos formam muito importantes para a definição do projeto.

Os elementos principais de concepção já estavam presentes desde o início: treliças metálicas, contêineres pré-fabricados, todo o mobiliário e elementos de iluminação, dutos para passagem de instalações, onde as elétricas iam por cima e as hidráulicas por baixo e uma envoltória que tem a função de proteger do frio, que são painéis-sanduíche com 20 cm de espessura, cuja função é garantir a conservação do calor interno.

Utilizamos a perspectiva isométrica para ilustrar o raciocínio de montagem. Uma vez que só dispomos do verão para fazer, isso tem que funcionar como se fosse uma

linha de produção industrial. Então era preciso chegar com os módulos prontos. Após o trabalho de fundação, constrói-se uma mesa metálica treliçada, sobre os quais serão colocados os contêineres que vão constituir os ambientes internos. Estrutura metálica para a cobertura e os painéis da envoltória vão sendo aplicados. Com uma logística assim, conseguiríamos que cinco equipes trabalhassem dentro do mesmo canteiro simultaneamente: enquanto uma equipe montaria a estrutura em um módulo, a outra estaria dando o acabamento em outro módulo. E tudo isso tinha de caber dentro do navio para ser transportado e desembarcado. Até por isso os blocos têm essa formação linear, para permitir essa linha de montagem.

Uma coisa importantíssima na época, por conta do trauma que eles tinham sofrido por causa do incêndio, eram a segurança contra incêndio e as saídas de emergência no edifício. Desse modo já na etapa de elaboração para o concurso a gente tem uma setorização com barreiras contra o fogo e várias saídas de emergência com sistemas sofisticados de combate a incêndio.

Outro elemento importante do edifício é que a maior população do local é no verão. No inverno ficam só os militares do grupo-base. Portanto, para economizar energia com aquecimento interno, por exemplo, parte da base era mantida com um consumo interno de energia somente para o necessário, designando a energia restante para os locais mais importantes. Sempre se pensou em energias renováveis, como energia fotovoltaica e energia eólica, com sistemas de complementação da energia a diesel.

Para o desenvolvimento do projeto executivo, chamamos uma equipe de engenharia estrangeira para trabalhar conosco, porque precisávamos de uma equipe que tivesse experiência em climas frios e solos congelados. Convidamos a AFACONSULT de Portugal, para trabalhar nas engenharias. Essa empresa fazia todos os projetos complementares, as estruturas, todas as instalações, as medidas contra incêndio, enfim, eles trabalharam conosco no desenvolvimento do projeto executivo.

Além do prédio principal, há uma série de laboratórios de pesquisa meteorológica e biológica que ficam no entorno do prédio. O porquê da implantação naquele local deve-se ao fato de ser a antiga estação e onde já havia um maior impacto

humano, o que iria afetar o mínimo possível a região. Tínhamos também um relatório ambiental prévio que mostrava áreas mais ou menos propícias à ocupação, com algumas de alta restrição, por conta da fauna e flora da região, e outras permitidas, que também influenciaram na implantação. Além disso, era preciso manter uma distância de afastamento em relação à linha d'água. E basicamente a somatória desses aspectos resultou no local final para implantação.

Acerca do funcionamento, no primeiro bloco, composto pelos laboratórios, que era o mais importante, sendo ao todo dezessete laboratórios, atuam cientistas de várias instituições e universidades brasileiras que participam e disputam editais de pesquisa para fazer a pesquisa de campo na antártica. Esse bloco conta com uma área de convívio na parte central, com o refeitório, estar, cozinha, área de saúde, sala de secagem. E a área dos geradores, caldeiras, tratamento de esgoto, de lixo, onde tudo é pensado para gerar o mínimo impacto ambiental possível. Na outra parte fica o depósito, onde são guardados os mantimentos para consumo no inverno e onde os produtos trazidos pelos navios são colocados. As duas laterais são áreas de tratamento de água para consumo. No bloco posterior, ficam os alojamentos, com duas camas por quarto, uma área de convívio no meio, com biblioteca, sala de vídeo e academia. Os alojamentos são separados, para se ter a divisão entre os civis e os militares.

Os elementos exclusivos que tocam realmente o chão são a garagem e a área técnica. Nesta ficam os geradores, motos de neve e outros equipamentos. É onde também se apresenta o elemento do contêiner naval de 20 pés. Esse módulo do retângulo é o que constitui o módulo elementar da estação como um todo, sempre nesta mesma medida: seis metros de comprimento e um pé-direito de altura. Esse é um elemento que é montado junto com a estrutura metálica, como se fossem peças de lego.

O detalhamento, que é uma fase importante, incluiu pesquisar bastante sobre isolamento, que é algo não muito utilizado no Brasil. Também sobre as esquadrias: os seus vidros externos são triplos e por dentro mais uma janela com vidro duplo. Na parte da estrutura, definiu-se que todos os contêineres também teriam uma função estrutural. Por fim, a equipe do projeto executivo, que era maior que a do concurso, contava com quinze pessoas, considerando o pessoal de engenharia e os consultores.

Depois, com a entrada da AFACONSULT, na fase mais agitada do projeto, éramos em torno de sessenta pessoas, mesmo porque o tempo de projeto era muito curto. O primeiro projeto executivo foi entregue em cinco meses.

O acompanhamento da obra foi interessante. Em 2016 viajamos para *Shangai*, na China, que era onde ficava a empresa que venceu o concurso para fazer a construção da estação. Visitamos o que se chama de *mocap*, que são 180m<sup>2</sup> da extremidade do bloco de laboratório. Esse foi o primeiro passo da parte de entender como que ela seria construída. Todas as peças utilizadas foram feitas no local, inclusive internamente, onde se fez um laboratório, com toda a sua complexidade e seus elementos. Esse *mocap* serviu para testar o prédio e para verificar como deveria ser toda a etapa de construção. No verão de 2016-2017, enquanto na China se dava continuidade às etapas do *mocap* e pré-fabricação de estruturas metálicas, na Antártica era iniciada a obra de fundações. Após toda a montagem da estrutura na China e depois de serem feitos todos os testes, a estrutura foi desmontada e embarcada no navio para desembarcar na local de construção da estação na Antártica. No verão de 2017-2018 começaram as obras da estrutura, dessa vez no local definitivo. Após um ano do início das obras, chega-se a quase 90% de conclusão da estação.

No caso da Estação Ferraz, não tivemos condição de visitar o local antes de fazer o concurso. Depois que assinamos o contrato, era inverno, o mar estava congelado. Com a operação fechada, não havia ninguém indo para a Antártica. Quando a gente entregou o contrato, era outubro-novembro, ocasião em que já estava começando a operação Antártica novamente. O problema é que após termos entregue o projeto executivo para a Marinha, eles não viram interesse em nos levar para lá. Já estavam com o projeto executivo na mão e o mais importante para eles naquele momento era incitar, descobrir quem era construtor. Foram alguns anos acompanhando a distância esse trabalho. Às vezes por conta própria pagamos do próprio bolso para nos deslocarmos à China e ver o *mocap* sendo fabricado e tudo. Mas, assim, para conseguir fazer o projeto, conversamos com pessoas que já tinham ido lá, que entendiam do programa antártico, entendiam da logística.

Com relação aos pilares da Estação Ferraz, que é elevada do solo, temos um único bloco que encosta no chão: o bloco técnico e garagem, como já mencionei. Ela é elevada do solo por um motivo de desempenho, não só dinâmico. Quando começa a nevar muito, essa neve começa a se acumular, aí você tem uma parede tocando o chão. Quando a gente eleva o edifício do solo e deixa esse espaço para o ar passar embaixo, o próprio vento acaba varrendo a neve naturalmente, então ela não se acumula. Esse é um dado que a gente já tinha escutado de outras estações, de outras experiências de construção na Antártida, e como a gente fez o projeto muito correndo, a gente não teve como simular túnel de vento. Fizemos uma simulação por *softwares* mesmo, para ver o desempenho do vento na hora de limpar essa neve que fica debaixo do prédio. E a gente ficou muito feliz, porque deu certo.

No final das contas, quando visitamos a estação em novembro havia bastante neve ao redor do prédio, mas embaixo do prédio mesmo não. Isso é importante, porque tem a ver com a conservação de calor por edifício, mas também com o trabalho braçal, porque na Estação Ferraz antiga, que não tinha essa elevação, às vezes a neve chegava a cobrir o prédio, o que obrigava a cavar um túnel dentro da neve para sair lá fora. E esse é um elemento que a gente vai ver em quase todas as estações da Antártida. As mais tecnológicas nos últimos anos têm usado essa forma para garantir que a limpeza seja feita naturalmente pelo vento, porque venta o tempo todo e venta muito forte.

#### **A INTERLOCUÇÃO COM MANUEL BALBINO<sup>4</sup> E O CONCURSO DE ARQUITETURA COMO ACESSO DEMOCRÁTICO PARA A ATUAÇÃO PROFISSIONAL**

O arquiteto urbanista Manuel Balbino (2020), que nas décadas de 1980 e 1990 participou de uma discussão sobre a questão da arquitetura brasileira quando a arquitetura de alta tecnologia do mundo ficou em evidência, assinalou que discutiu

---

<sup>4</sup> Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília, mestrado em Projeto e Cidade pela Universidade Federal de Goiás e atuação como docente na UniEvangélica, Anápolis-GO (2017). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, atuando principalmente nos seguintes temas: arquitetura, projeto, planejamento urbano, Palmas - Tocantins, Goiania, pré-fabricação em concreto.

muito com Norman Foster a respeito de qual seria o nosso caminho, visto que tínhamos perdido um pouco esse bonde, por ficarmos centrados nas nossas questões.

Na opinião de Balbino (2020), as estações na Antártica mostram que precisamos olhar novamente para essa perspectiva da tecnologia. O Projeto da Estação Ferraz deixa evidente que a tecnologia não sumiu da nossa questão e é impressionante como esse projeto engloba outras questões, como o clima, o ambiente e a própria tecnologia. É um projeto bastante representativo, que não fica devendo nada para nenhum outro projeto no mundo, nesse ambiente e com esse foco. Um projeto bastante divulgado, com todos os méritos, e que abre outras perspectivas de como podemos pensar, construir e habitar nossos projetos.

A experiência do Estúdio 41 permite discutir a questão do concurso de procurar o confronto das ideias, dos argumentos e da execução do projeto com a realidade. Com uma narrativa técnica, consistente, possibilita levantar várias questões, interessando-nos muito neste momento discutir sobre a relação dos concursos com o ensino da arquitetura. A formação de equipes de concurso acaba vindo do convívio na universidade, ainda que nem sempre as universidades tenham dado a devida atenção para esse enfoque. A ideia de montar uma equipe para trabalhar em concurso tem vínculo direto com a Universidade.

Na interlocução com o arquiteto urbanista Manuel Balbino, acho que ele levanta uma questão muito importante neste debate, que é a realidade. Quando comparamos o que a gente faz na universidade e a realidade da prática profissional, tentamos sempre nos aproximar, chegar o mais perto possível. Mas no fundo sempre se está ensinando e aprendendo. Sempre se está aprendendo juntos no ambiente universitário e é difícil simular essa realidade. Então, acerca da universidade, é preciso um pouco aceitar que ela é um espaço de pesquisa e estudo e que ela se insere nessa pesquisa e nesse estudo de outras formas. Aí, por exemplo, Manoel Balbino coloca a questão de equipe, das equipes de estudantes. Tem uma coisa das equipes de escritórios de arquitetura que é o fato de se conhecerem como estudante nas universidades e depois resolverem trabalhar juntos.

Mas eu não sei se é a maioria não. Acho que ao longo da vida vamos conhecendo pessoas também, e essas pessoas se unem por coisas incomuns, que vão descobrindo ao longo do tempo. E essa formação do grupo colaborativo da equipe é fundamental, pois a gente não chega a lugar nenhum sozinho. Precisamos sempre do outro. Ainda mais em arquitetura, em que todas as ações desenhadas num papel nem serão executados por nós. Ou seja, vamos depender de outras pessoas para viabilizar aquilo dentro do que é a realidade. Então, precisamos entender que estamos sempre colaborando com as pessoas e que o projeto é ser coletivo. Essa é uma das questões que a universidade, eu acho, poderia reforçar.

Na universidade, na escola de arquitetura temos a tendência de achar que o aluno dentro do trabalho de equipe pode se esconder e não ser avaliado. Essa é uma discussão muito grande na universidade, principalmente entre os professores, que diz respeito ao fato de se montar uma equipe de cinco estudantes, em que dois vão trabalhar muito, um vai trabalhar mais ou menos e dois que não vão trabalhar nada e vão receber a mesma nota. Desse modo, há uma tentativa de evitar o trabalho em equipe, para avaliar se o aluno tem a competência, a habilidade para ter o diploma. Mas eu acho que uma competência e uma habilidade das mais importantes é trabalhar em grupo. Então é difícil isso.

Sabe, eu prefiro fazer o trabalho sempre no coletivo, mesmo que isso represente que em determinado trabalho você tenha estudantes que estão trabalhando mais do que outros estudantes, porque isso vai acontecer na realidade também. Eu acho que é importante as pessoas se ouvirem, receberem críticas.

Devemos aprender a escutar crítica também. Esse diálogo, esse debate, é que faz a arquitetura ganhar cor ao final das contas. Estava falando por exemplo dos engenheiros que conhecemos lá da Alemanha. A sorte foi que esses caras começaram a conversar com a gente muito no começo do projeto executivo, porque senão a gente teria ficado perdido. A questão tecnológica é algo que a gente no Brasil sempre desenvolveu ligado à mão de obra. O que a mão de obra consegue executar é o que eu posso desenhar.

Só que isso tem a ver com a realidade, e a mão de obra tem a ver com a parte do colaborativo da equipe, é o sujeito que vai materializar a concepção daquilo que a gente está desenhando. Na faculdade a gente não vai conseguir isso, ter o cliente, ter o operário, ter o mestre de obra. Sempre vamos ter esse diálogo de estudante com os professores.

É dentro desse diálogo que eu imagino que essa cultura arquitetônica vai crescer na universidade: na conversa, na discussão, no saber receber a crítica, no saber criticar. Eu acho que isso é fundamental para crescer como profissional, em qualquer área. Mas acho que na arquitetura mais ainda, porque não dá para fazer sozinho, é uma atividade de fazer com muita gente, muita gente participando. Eu acho que só tem sentido se for dessa forma. Não faria sentido a gente como arquiteto desenhar sozinho, depois pegar um martelo, um prego e construir uma casa toda sozinho e pronto. Eu me esgotei fisicamente, levei anos para fazer aquilo e aí o cliente sou eu sozinho. Nunca é assim, é sempre coletivo, sempre compartilhado, é sempre um suprindo aquilo que o outro não tem, complementando, sei lá. Sempre tem um na equipe que sabe muito de uma coisa, e o outro sabe muito de outra coisa, então ter um papel complementar.

Acho que a arquitetura é um pouco isso, é o exercício do complemento, exercício do saber que a gente está aprendendo com o outro e ensinando ao mesmo tempo. Parece um pouco com isso. E acho que na faculdade, para fazer esse diálogo, não adianta tentar reproduzir totalmente a realidade, porque vai ficar frágil da mesma maneira. A gente vai simular, vai colocar muitas coisas que são fantasiosas. No fundo estamos ali para começar a pensar como arquiteto, não para ser arquiteto já no início, e eu acho que os concursos têm esse potencial de estimular a formação de equipes, de formar grupos, gente que tem afinidade e coisas em comum, que querem trabalhar juntos. E o concurso vai ser uma maneira de poder fazer esse trabalho.

O concurso também é desgastante. Às vezes a gente pensa: vamos tentar ir por outro caminho, porque o concurso é exaustivo, é frustrante. Na maior parte dos concursos, você perde. Você vai mostrar as obras que você já ganhou – falei aqui de algumas coisas –, mas por trás disso tudo há outras tantas que não deram, que foram

trabalhos que de alguma maneira fizeram a gente aprender. Mas é frustrante quando você não assina contrato.

O concurso tem uma coisa que eu acho importante, que é ampliar o acesso democrático à profissão, porque qualquer um pode participar, qualquer um pode aprender a fazer um. Não precisa o cara ter uma firma com muito dinheiro, ele não precisa ser rico, ele enfim pode simplesmente ter um diploma em arquitetura e urbanismo, ou no caso de concurso de estudante de arquitetura e urbanismo, ele se inscreve e faz e está aberto. Isso eu acho muito bonito. Mas daí tem toda uma dificuldade, que é você no concurso trabalhar sem remuneração. Tem toda uma coisa que a gente precisa discutir também.

Uma vez eu falei no plenário do CAU lá em Brasília sobre as dificuldades do concurso, também porque eles estavam muito numa bandeira de defender concurso. E a gente também defende, com essa possibilidade democrática de acesso ao exercício de arquitetura e urbanismo. Mas também não dá para ficarmos fazendo cenário de fantasia. Afinal o processo de composição do projeto de arquitetura e urbanismo não é uma coisa fácil e o concurso potencializa, catalisa essas dificuldades que temos no dia a dia.

No período do concurso a gente conversou, dialogou com uma equipe de engenheiros e de consultores aqui de Curitiba, que era muito local, mas que tinha uma experiência desse trabalho em equipe que eu estou falando para vocês. Conseguimos compartilhar muitas coisas e muitas informações. E também, nesse período, para nos aproximarmos do lugar, para compreendermos mais um pouco do lugar, assistimos a muito vídeo, muita informação dos escritórios que já tinham feito projeto lá.

Ficamos garimpando esse material na internet. Depois que a gente assinou o contrato, os nossos olhos na Antártica eram os contratantes. A arquiteta Cristina Alvarez, que é lá da Universidade Federal do Espírito Santo, que sempre atendeu os projetos da Antártica e é a idealizadora do concurso junto com o IAB-RJ, tinha uma experiência de décadas já na Antártica. Ela foi uma interlocutora importantíssima, assim como todo o pessoal da Marinha PROANTAR, que já tinha sido chefe da estação. Enfim, trata-se de pessoal que já tinha experiência no local e foram também nossos olhos lá no

lugar. Fazíamos perguntas para esse pessoal quando tínhamos dúvidas sobre questões muito localizadas, muito pertinentes lá da península Kelera, o funcionamento enfim.

Tivemos pessoas que nos auxiliaram, que foram respondendo às perguntas que íamos colocando. E cada resposta nos deixava mais próximos da Antártica. No final das contas, é evidente que, quando formos agora em novembro, perceberemos coisas novas. Chegar lá, pisar no chão, andar dentro do prédio e afundar o pé na neve é diferente de ouvir um relato.

Essas experiências todas de concurso às vezes são conduzidas dessa forma. A gente faz um projeto para Paraíba e sem a chance de ir lá visitar. Então fazemos, tentamos culturalmente aprender sobre o lugar, aproximarmo-nos o máximo possível da realidade deles. Às vezes é só depois que vamos conseguir visitar o lugar, só quando começamos a desenvolver mesmo. Não é sempre que temos essa condição ideal de: “Poxa, vou lá no terreno, vou ficar um tempo dando uma olhada, vou fazer anotações, observações de campo antes de começar o projeto”. Então, é um pouco dessa forma.

É importante destacar que o edital do concurso era bem completo. Em termos de referências, trazia uma série de informações. Por isso, acho, que conseguimos nos aproximar muito do lugar, porque lemos com muita atenção. Mas é evidente que depois, quando você senta com as pessoas, começam a surgir novas demandas. Para responder às perguntas, fizemos diversas reuniões com a comunidade científica, de São Paulo, Rio de Janeiro mais de uma vez, Brasília, às vezes por videoconferência, telefone. Foi um meio de trocar informações com esse pessoal, para entender a necessidade de cada um desses laboratórios.

Cada equipe de pesquisadores, às vezes, trabalha num laboratório que tem a dinâmica diferente da outra. Então esse trabalho foi de entrevistas e reuniões presenciais e troca de informação *on-line* para entender como cada laboratório desses funcionaria. E aí cada laboratório tem uma lista de equipamentos: tem que ter bancada, microscópio, computador, uma série de elementos ali que são listados ali para a gente poder atender, uma área suficiente, dimensionamentos. Foi um diálogo dos dois lados: com a Marinha, que iria construir o prédio, e com a comunidade científica, para atendermos às necessidades dela.

No Estúdio 41, foi talvez a maneira possível, vamos dizer assim. Eu comentei que a gente estudou e mora em Curitiba, mas não temos muitas relações pessoais aqui, familiares em Curitiba. Quando a gente se forma em arquitetura, a primeira coisa é fazer projeto para os parentes, para os amigos e conhecidos. Nunca tivemos uma rede, eu e meu sócio. Nunca tivemos uma rede muito grande de contatos aqui que pudesse viabilizar a atividade profissional.

Então o concurso acabou sendo uma saída, já que ele permite a participação aberta de arquitetos, independente do currículo, da formação e da experiência. O concurso parece ser uma boa saída, e uma boa alternativa. Acho que foi um pouco assim. A equipe do Estúdio 41 é uma das equipes com as quais eu trabalho hoje. Já trabalhei anteriormente com outras equipes, mas sempre com pessoas interessadas em fazer dessa forma. Não é que eu não esteja interessado no cliente que me liga e me fala: “Eu gostaria de um projeto e gostaria de uma proposta”. É evidente que a gente gosta de fazer arquitetura. Agora, como que a gente vai viabilizar e fazer arquitetura é que é uma história de cada um. Na minha história, veio dessa forma: conhecendo gente que estava com vontade de fazer. E foi meio que isso assim.

## A ELABORAÇÃO DO PROJETO E OS DESAFIOS DO PROCESSO DE CRIAÇÃO

O processo de desenvolvimento dos trabalhos de concurso, basicamente na nossa maneira, lá do estúdio – a gente sabe que no mundo inteiro tem vários escritórios que fazem isso –, nessa etapa de concepção de desenho dos elementos, trabalhamos com maquetes. Maquetes físicas, não maquetes feitas no computador – maquete eletrônica –, é maquete física. A gente faz uma leitura atenta das bases do edital, do termo de referência primeiro e marca uma primeira reunião para discutir sobre aquele concurso e, nessa primeira reunião, cada um já tenta levar uma maquete de uma primeira abordagem.

A discussão é sempre feita em cima de uma maquete física. Você pode complementar com render e desenhos bidimensionais de plantas, corte... mas a discussão mais intensa ocorre em cima das maquetes físicas. Fazemos isso em várias

rodadas. Fazemos uma primeira rodada, tem lá cinco maquetes em cima da mesa, senta e discute. Puxa o que está bom e o que não está e daí vai. Marcamos um outro prazo. Vamos nos dar aí mais quatro ou cinco dias para pensar um pouco melhor, porque percebemos que tem coisas que precisam amadurecer. Aí nessa outra rodada vêm mais oito maquetes, e também estimulamos que os estudantes participem juntos. Então não são só os arquitetos que participam dessas reuniões. Os estudantes trazem maquetes e muitas vezes é uma ideia de um estudante que parece mais forte para ser desenvolvida. Mas fazemos duas, três, quatro rodadas até chegar num partido que parece mais viável. Então é bom, porque de uma reunião para a outra, quando você escuta falarem, você percebe: “Puts, o cara pensou nisso e fez a maquete com aquilo e eu não tinha pensado nisso... então para a próxima reunião vou tentar incorporar esse elemento no meu raciocínio”. E aí você traz uma outra maquete que responde melhor àquelas condições. Não são maquetes sucessivas. A gente tem, acho, que até na internet – eu não sei se tem mais –, mas projeto por exemplo do memorial das vítimas da Boate Kiss<sup>5</sup> tem lá trinta maquetes de diferentes partidos e possibilidade de solução para aquele projeto naquele lugar. Mas na reunião, a discussão é sempre em cima da maquete.

Aos desafios nas divisões das tarefas, temos duas considerações a fazer. Acho que na etapa de concurso todos participam dessa etapa de concepção, fazem maquetes, fazem desenhos de concepção. Depois que a gente escolhe o caminho, se divide e cada arquiteto vai pegar aquele partido, aquela proposta, e vai começar a elaborar em cima desse partido aquilo em que se sente mais confortável. A gente tem sócio que, “cara, deixa eu tentar começar a resolver as plantas”. Tem sócio que vai começar a montar modelo tridimensional para fazer render. Tem sócio que vai começar a escrever o texto,

---

<sup>5</sup> O Estúdio 41 ficou em terceiro lugar com a proposta para o memorial de Santa Maria. Assinam o projeto os arquitetos Fabio Henrique Faria, Emerson Vidigal, Eron Costin, João Garbriel Rosa e Martin Kaufer Goic, com a colaboração de Daniela Moro, Gabriel Tomich e Matheus Fernandes. Buscou-se trabalhar com o propósito de um edifício que traga à consciência motivos que nos façam seguir adiante. “Trata-se de um exercício de construir espaços coletivamente para ressignificar a morte como uma chance de ver novos sentidos para a vida. A busca de novas palavras para descrever o presente como uma possibilidade de ver o mundo e as pessoas de novas maneiras”. Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/haus/arquitetura/boate-kiss-memorial-vai-virar-uma-grande-praca-florida-em-memoria-as-vitimas/>. Acesso em: 5 de setembro de 2020.

e enfim. Daí tem essa divisão de tarefas assim, e a gente vai se apoiando um ao outro. Mas cada um faz basicamente aquilo em que se sente mais confortável naquela etapa de dar um acabamento, para montar uma apresentação.

Já quando é um contrato que é assinado e você vai desenvolver um projeto que é executivo, aí dentro do escritório nas etapas de concepção pode ser que funcione um pouco parecido com o concurso, mas daí depois normalmente a gente escolhe alguém do grupo para coordenar aquele projeto. Depois que é assinado o contrato, tem um da equipe que coordena o projeto e é responsável por reunir as informações com cliente, transmitir as tarefas para a equipe, enfim... marcar reuniões, controlar os prazos. Tem uma figura de coordenador depois que o contrato é assinado. Mas, basicamente, todo mundo faz de tudo, não tem muito: “Ai eu não faço maquete, ai eu não faço tal coisa”.

Para quem tem vivido esse período de concurso sabe o tanto que o Estúdio 41 é representativo. O concurso tem várias faces, mas uma face superimportante é que é uma oportunidade de trabalho. E essa oportunidade de trabalho precisa se democratizar cada vez mais. E isso só vai acontecer na medida em que as escolas de arquitetura comecem a compartilhar esse tipo de conhecimento. Devem existir uns períodos em que os alunos vão fazer um projeto como se fosse um concurso, tem que começar a entender esse processo, porque não é um processo simples. Então são várias estratégias que as escolas precisam adotar e se integrar nesse processo, porque os alunos estão interessados nisso também. Precisamos pensar nisso. Pode-se dizer que o confronto entre a ideia, o concurso e a realidade tiveram um casamento perfeito nesse projeto da Estação Ferraz.





# AS AMÉRICAS